
**PAULO FREIRE E A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: EDUCAÇÃO
POPULAR COMO FORMA DE LIBERTAÇÃO¹**

PAULO FREIRE AND THE PEDAGOGY OF THE OPPRESSED: POPULAR
EDUCATION AS A FORM OF LIBERATION¹

Ivandilson Miranda Silva²

José Roberto de Araújo Fontoura³

Lília Bittencourt Silva⁴

RESUMO

Este artigo, que é parte da tese de Doutorado pelo Programa de educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), intitulada: “ La Calle, La Plaza, La Palabra”: Educação Popular, Contemporaneidade e Experiência da Universidade Das Madres De La Plaza De Mayo, apresenta um pouco da trajetória de Paulo Freire, comemorando seu centenário (1921-2021) a partir da sua obra Pedagogia do Oprimido. A história da educação popular no Brasil tem sua fase efervescente entre as décadas de 1950 e 60 do século XX. A prática da educação popular tem no diálogo entre os sujeitos, o seu maior aliado, pois é, a partir do diálogo, que se dá o confronto dialético de ideias e a produção de conhecimento que nasce dessa dinâmica, dessa troca de saberes. O livro Pedagogia do Oprimido comemorou seu 50º aniversário em 2018 e continua muito atual, por vivermos neste momento da história do Brasil um retrocesso político-econômico-social-ideológico-cultural de grande proporção. Essas são as questões discutidas neste texto.

Palavras-chave: Paulo Freire, Pedagogia do Oprimido, Educação Popular, libertação

¹Este texto é parte da tese de Doutorado defendida e aprovada em 2020 pelo Programa de educação e Contemporaneidade (PPGEduC) que estuda a Universidade das Madres de la Plaza de Mayo como prática de educação popular na contemporaneidade na América Latina, sob orientação do professor Doutor Luciano Costa Santos.

²Professor FACIBA, Doutor em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). ivandilsonsilva@professorfaculdefaciba.com.br

³Professor/Doutor FACIBA, <https://faciba.com.br/>, jose.roberto@professorfaculdefaciba.com.br

⁴Professora/Doutora da Faculdade de Ciências da Bahia, liliabittencourt@professorfaculdefaciba.com.br

ABSTRACT

This article, which forms part of the doctoral thesis of the Education and Contemporary Program (PPGEduC) of the State University of Bahia (UNEB), entitled: “La Calle, La Plaza, La Palabra”: Educación Popular, Contemporaneidad y Experiencia Universitaria Das Madres De La Plaza De Mayo, presents a poe de la trayectoria by Paulo Freire, commemorating his centenary (1921-2021) based on his work Pedagogía de la Pedagogía del Oprimido. The history of popular education in Brazil has its effervescent phase between the 1950s and 1960s del siglo XX. The practice of popular education has in the dialogue between the subjects, its ally mayor, and it is through the dialogue that the dialectical confrontation of ideas and the production of knowledge that is born of this dynamic, this exchange of knowledge takes place. The book Pedagogía del Oprimido celebrated on the 50th anniversary of 2018 and continues to be very current, as we are experiencing, at this moment in the history of Brazil, a major political-economic-social-ideological-cultural setback. These children are the themes dealt with in this text.

Keywords: Paulo Freire, pedagogy of the oppressed, popular education, liberation.

INTRODUÇÃO

Paulo Freire é um dos maiores educadores do mundo. Esta afirmação é lugar comum, mas é sempre bom lembrar a importância político-pedagógica da sua contribuição. Freire nasceu no Recife, Pernambuco, em 19 de setembro de 1921 e comemoramos neste ano o seu centenário, celebramos a sua memória e sua contribuição para uma educação crítica e transformadora.

Freire viveu na cidade do Recife até 1931, e depois foi morar durante dez anos no município vizinho de Jaboatão dos Guararapes, em Pernambuco: “Em Jaboatão, quando tinha dez anos, comecei a pensar que no mundo muitas coisas não andavam bem. Embora fosse criança comecei a perguntar-me o que poderia fazer para ajudar aos homens”. (FREIRE, 1980, p. 14)

Freire inicia o curso ginásial no Colégio 14 de Julho em Recife. Aos 13 anos, perdeu seu pai (Joaquim Temístocles Freire), e a sua mãe “Tudinha” (Edeltrudes Neves

Freire) se responsabiliza pela criação dos quatro filhos. Diante dessa realidade, o menino Paulo recebe gratuitamente a matrícula (pedido da sua mãe) para estudar no Colégio Oswaldo Cruz, tornando-se a auxiliar de disciplina e, mais adiante, professor de língua portuguesa.

Ingressa na Faculdade de Direito do Recife em 1943. Teve cinco filhos com Elza Maria Costa de Oliveira, sua primeira esposa e, mesmo depois de formado, continua trabalhando no Colégio Oswaldo Cruz, e também passa a ser professor de Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco.

Em 1947, Paulo Freire será diretor do setor de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria (SESI). Em 1955, funda, com outros educadores no Recife, o Instituto Capibaribe, uma escola diferente e nova que vai atrair a atenção de intelectuais preocupados com as mudanças na educação.

Depois dessa trajetória inicial, temos a grande contribuição de Freire para a educação, com o seu trabalho na cidade de Angicos (em 1962), no Rio Grande do Norte, quando 300 trabalhadores da agricultura foram alfabetizados. Segue-se o seu exílio para a Bolívia e depois para o Chile, em 1964, por conta da Ditadura Civil-Militar de 1964-1985, como relata Ana Maria Araújo Freire (Nita), sua companheira de amor e luta nos últimos anos de vida.

Querendo sair daquele país e sem o salvo-conduto brasileiro, que se queimou num incêndio na pensão onde então residia com outros brasileiros em La Paz, Paulo ficou durante três semanas indo ao Ministério do Interior boliviano, até que conseguiu um “Salvo-conduto para exilados” da República da Bolívia. (Freire Araújo, 2017, p.183,184)

Com essa documentação, e depois de ter passado setenta dias na Bolívia, Freire segue para o seu exílio no Chile (1964), passando depois pelos Estados Unidos (1969), pela Suíça (1970) e fazendo incursões pela África na década de 1970.

Este artigo, que é parte da tese de Doutorado pelo Programa de educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), intitulada: “ La Calle, La Plaza, La Palabra”: Educação Popular, Contemporaneidade e Experiência da Universidade Das Madres De La Plaza De Mayo, apresenta um pouco da trajetória de Paulo Freire a partir da sua Pedagogia do Oprimido. Vida longa ao pensamento de Paulo Freire, patrono da Educação Brasileira.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente artigo utiliza estritamente a pesquisa bibliográfica como suporte as argumentações, discussões e posicionamentos, todos os artigos e livros utilizados estão referenciados de acordo com a norma vigente no nosso país.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

PAULO FREIRE: EDUCAÇÃO POPULAR E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A história da educação popular no Brasil tem sua fase efervescente entre as décadas de 1950 e 60 do século XX. Os movimentos sociais são organizações fundamentais para que as ações de educação popular aconteçam. Na América Latina, nas décadas de 1950/60, muitos acontecimentos estavam modificando a ordem existente, tais como a Revolução Cubana em 1959, e a Guerra Fria entre Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialista Soviéticas. Projetos de sociedade estavam em jogo, e esses acontecimentos criavam possibilidades de ruptura e transformação social. É nesse contexto que a perspectiva de educação popular freireana se desenvolve.

Para Dos Anjos (2015, p.130), Paulo Freire pensa a educação popular, em primeiro lugar, “como esforço de mobilização e organização das classes populares; sem desprezar, obviamente, o seu aspecto de capacitação, o que implica a questão da relação entre as diferentes formas de saber”, entre o saber técnico-científico e o “saber de pura experiência feito”.

A transformação educacional “implica, de acordo com Paulo Freire, na exigência de sensibilidade e competência científica aos educadores”, para que os atores envolvidos diretamente com a educação possam entender as variadas formas de resistência, luta e organização do povo. (Ibidem, p.130)

Coutinho (2012, p. 127) destaca o diálogo problematizador freireano como um recurso pedagógico a serviço da reflexão da realidade e intervenção nos contextos sociais.

A história da educação popular libertadora, de base freireana, caracteriza-se pela concepção político-pedagógica do diálogo problematizador, que propõe estimular a reflexão e a ação de homens e mulheres sobre a própria realidade e a intervir nesta.

Essa educação popular produz uma práxis voltada para a transformação social e libertação do ser humano de uma situação de desumanidade e alienação. Para Freire (2015, p. 77), a educação popular deve promover uma “libertação autêntica” e humanizada, que “implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.”

A prática da educação popular tem no diálogo entre os sujeitos, o seu maior aliado, pois é a partir do diálogo que se dá o confronto dialético de ideias e a produção de conhecimento que nasce dessa dinâmica, dessa troca de saberes. O diálogo como ferramenta para provocar um saber que não se impõe, mas se constrói numa dimensão democrática e humana de educação: “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação, na reflexão.” (FREIRE, 1987, p.108)

O diálogo, na perspectiva freireana, é um ato amoroso, pois supõe uma permanente disponibilidade a receber o Outro; sendo amoroso, não é arrogante e tem a humildade como horizonte: “Só existe o diálogo, pois, ele é feito por homens e mulheres em comunhão sabendo que como humanos têm muito de si no outro.” (ARAÚJO, 2015, p.34)

Outro elemento de grande importância para se pensar o trabalho de educação popular é a sua relação de fortalecimento com a cultura popular, pois sem estimular o encontro do povo com suas raízes identitárias, com sua história de luta e sobrevivência, a educação popular não tem sentido, não se efetiva como alternativa de transformação. Para Brandão e Fagundes (2016, p. 94), é preciso pensar uma educação que:

vá além de ensinar pessoas a apenas lerem e repetirem palavras, as coensinem a lerem criticamente o seu mundo. Para tornar educandos populares sujeitos críticos e criativos, por meio de uma prática de crescente reflexão conscientizada e conscientizadora, o papel do educador “erudito” e “comprometido” consiste em assessorar homens e mulheres das classes populares na tarefa de ajudar – de dentro para fora e de baixo para cima – a se tornarem capazes de serem os construtores de uma nova cultura popular, a partir de novas práticas coletivas.

Essa cultura popular deve emergir, nascer das práticas populares, dos atos do povo. Essas ações devem contribuir para libertar as classes populares da imposição cultural nascida da opressão e imposição de uma cultura dominante eurocêntrica. Fávero (1983) afirma que é popular a cultura que mobiliza os seres humanos (o homem e mulher) a assumir a sua posição de sujeito da própria criação cultural.

Para Arguelo (2006, p. 230), a Educação Popular é mais que um método ou uma metodologia ou técnica, é “uma opção moral e ética”, que alimenta “uma militância, uma maneira de entender a vida”. Educação popular, nesta concepção, é algo essencial para os educadores que acreditam numa escola que liberta e não oprime.

Segundo Freire e Nogueira (2005), a educação popular é uma grande escola da vida política, espaço de aprendizagem para a luta por uma sociedade livre do autoritarismo e da imposição de um *modus vivendi* elitista e uniformizador; educação popular é o lugar da libertação.

Entendo a educação popular como o esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica. Entendo que esse esforço não se esquece, que é preciso poder, ou seja, é preciso transformar essa organização do poder burguês que está aí, para que se possa fazer escola de outro jeito. Em primeira “definição” eu aprendo desse jeito. Há estreita relação entre escola e vida política. (Ibidem, p. 19).

A educação popular se apresenta como meio de mobilização para a classe trabalhadora, como lugar de capacitação técnica e científica para transformação da sociedade. Paulo Freire qualifica sobremaneira o debate e os rumos da educação no Brasil e nos diversos países pelos quais passou e em que continua sendo estudado.

A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO CINCO DÉCADAS DEPOIS: A PAUTA DA LIBERTAÇÃO AINDA PERSISTE

O livro *Pedagogia do Oprimido* comemorou seu 50º aniversário em 2018. Essa obra marca profundamente os estudos e debates sobre os rumos da educação no Brasil e no mundo. Paulo Freire propõe a liberdade como tema e nos mostra que a pedagogia do opressor (o colonizador) produziu uma espécie de “acomodamento” do povo, do oprimido.

Neste texto poderoso e útil, Freire reflete sobre a luta dos oprimidos contra o modelo de educação que automatiza, controla e impõe um *ethos* dominante que não nasce do povo, mas serve para sua opressão; e nos convida a pensar numa pedagogia que propõe libertação e esperança a partir da atualização do contraste opressor e oprimido e da relação entre professor e educando.

Logo no primeiro capítulo, Freire (2015) inicia o debate sobre humanização e desumanização e a importância da resistência, da luta para reaver a humanidade dos oprimidos.

E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. (2015, p. 41)

A libertação dos oprimidos depende do processo de humanização; é preciso pautar essa questão, pois não há libertação sem humanização. Para Freire (ibid., p. 48), a libertação é como um “parto”, que é “doloroso”, mas o ser humano nascido desse parto é um ser “novo”, que só se viabiliza “pela superação da contradição opressores e oprimidos”.

Freire (2015) aponta dois momentos da pedagogia do oprimido que a definem como pedagogia humanista, e que são necessários para evidenciar uma libertação mais ampla.

A Pedagogia do Oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo permanente da libertação. (Ibidem, p. 57)

A “pedagogia dos homens” – ou, de forma mais contemporânea, a pedagogia dos “seres humanos” –, é a pedagogia da humanidade que brota do diálogo amoroso e do processo de revisão de uma educação “bancária”, que reforça os instrumentos da opressão. Para Freire (2015), essa perspectiva “bancária” deposita conhecimento nos educandos, tornando essas pessoas “passivas” e adaptadas ao mundo que lhes é imposto: “Quanto mais adaptados para a concepção ‘bancária’, tanto mais ‘educados’, porque adequados ao mundo”. (Ibidem, p.88)

Para Freire (2015), é preciso comunicar-se de forma democrática e acolhedora com a sociedade e, assim, poderemos reverter essa relação autoritária, sobretudo entre educadores e educandos: “Nosso papel não é falar ao povo sobre nossa visão de mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa.” (Ibidem, p. 120).

A Pedagogia do Oprimido nos mostra que essa comunicação, esse falar ao povo sem tentar impor-lhe uma visão de mundo, sugere uma “teoria da ação dialógica” que

contrasta com a “teoria da ação antidialógica” que visa conquistar, dividir, manipular e promover a invasão cultural que aliena o oprimido.

Segundo Freire (Ibid.,186), a conquista é o primeiro elemento da ação antidialógica, pelo qual o sujeito conquistador “determina suas finalidades ao objeto conquistado, que passa, por isto mesmo, a ser algo possuído pelo conquistador”.

Sobre o segundo elemento antidialógico, que é o ato de dividir as massas para manter a dominação, Freire (2015) esclarece:

Esta é outra dimensão fundamental da teoria da ação opressora, tão velha quanto a opressão mesma. Na medida em que as minorias, submetendo as maiorias a seu domínio, as oprimem, dividi-las e mantê-las divididas são condição indispensável à continuidade de seu poder (Ibidem, p.190).

A manipulação é o terceiro elemento antidialógico, para que os opressores controlem e conquistem o povo a serviço de seus interesses: “A manipulação, na teoria da ação antidialógica, tal como a conquista a que serve, tem de anestesiar as massas populares para que não pensem.” (Ibidem, p. 200).

Quando a minoria dominante impõe sua visão de mundo para a maioria, o povo, acontece o que Freire chama “invasão cultural”, ou seja, “a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes, sua visão do mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão.” (Ibidem, p. 205).

A ação dialógica apresenta elementos correspondentes para combater esse processo de dominação, que são: co-laboração, união, organização e síntese cultural. Sobre a co-laboração como primeira característica, Freire (Ibid., p. 228) afirma: “A co-laboração, como característica da ação dialógica, que não pode dar-se a não ser entre sujeitos, ainda que tenham níveis distintos de função, portanto, de responsabilidade, somente pode se realizar na comunicação”. A co-laboração do diálogo respeita e inclui o Outro como Outro.

A segunda característica é a união, que tem como objetivo a unidade da massa oprimida. Para Freire (Ibid., p.237), “o empenho para a união dos oprimidos não pode ser um trabalho de pura sloganização ideológica”. A união é fundamental para a luta do povo, dos oprimidos.

A terceira característica, denominada organização, é, para Freire (2015), um desdobramento ou consequência da unidade das massas populares: “A organização das massas populares em classe é o processo no qual a liderança revolucionária, tão proibida

quanto estas, de dizer sua palavra, instaura o aprendizado da pronúncia do mundo, aprendizado verdadeiro, por isto, dialógico. ” (Ibidem, p. 243)

Como quarta característica, Freire (2015) aponta a síntese cultural, constituída a partir da compreensão da dialeticidade permanência-mudança que compõe a estrutura social.

Na invasão cultural, os espectadores e a realidade, que deve ser mantida como está, são a incidência da ação dos atores. Na síntese cultural, onde não há espectadores, a realidade a ser transformada para a libertação dos homens é a incidência da ação dos atores. (Ibidem, p. 247)

Na síntese cultural, os atores fazem a realidade, promovem e lideram a libertação a partir da análise crítica da própria realidade e se posicionam contra a invasão cultural, primando o respeito às diferenças. As lideranças da transformação são populares, revolucionárias, pois uma liderança que não venha do povo não conduz o processo de síntese cultural, conduz a invasão cultural, que é a negação do Outro e não o respeito por sua cultura.

CONCLUSÃO

Após cinco décadas, a Pedagogia do Oprimido continua sendo um manifesto para se pensar a educação e as relações sociais numa sociedade mais democrática e dialógica, para se pensar o respeito ao Outro, pois essa proposta pedagógica é um convite à transformação da escola e dos valores humanos.

A Pedagogia do Oprimido nos convida a pensar a liberdade, o valor que a prática da liberdade tem e a importância de uma sociedade cultivar a democracia. Ao produzir essa obra, Paulo Freire estava exilado no Chile, longe do seu país, impedido por um regime ditatorial de viver em sua terra natal.

A Pedagogia do Oprimido é muito atual, por vivermos neste momento da história do Brasil um retrocesso político-econômico-social-ideológico-cultural de grande proporção. As últimas eleições presidenciais, de 2018, elegeram uma candidatura que apoiou a ditadura civil-militar de 1964-1985. Encoberto por uma “ação antidialógica”, uma parte expressiva do povo não conseguiu perceber que aquele que se apresentava

como liderança popular era, de fato, uma liderança da classe dominante, de modo algum “revolucionária”, como clama Freire em sua obra.

É preciso uma “ação dialógica”, reflexiva e crítica, criando possibilidades para se pensar o ser humano e encontrar caminhos para a libertação dos oprimidos, a partir de um diálogo amoroso com o povo. Precisamos, também, de acordo com Freire (2015), exercitar a escuta e o diálogo entre os diferentes, tendo em vista a necessidade de fazer do mundo um lugar em que seja mais fácil amar do que odiar. Esse é o grande recado de Paulo Freire, para acender a esperança de dias melhores.

Viva o centenário do Mestre Paulo Freire, Viva a Pedagogia do Oprimido, viva a luta por uma escola pública, gratuita e de qualidade, viva a educação popular, viva a cultura popular. Sigamos lutando por uma sociedade plural que se alegra e aprende com a diferença. Educar na perspectiva freireana é preciso.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Renata Miranda de. **A Liberdade Como Princípio Para uma Educação Transformadora**. Dissertação mestrado, Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2015.

ARGUELO, Roberto Sáenz. **Algumas reflexões à vigência e aos desafios da educação popular, no contexto da VI Assembléia Geral do CEAAL**. In: PONTUAL, Pedro; IRELAND, Timothy. (Org.). Educação popular na América Latina. Brasília, DF: SECAD/UNESCO, 2006.

BRANDÃO, C. R.; FAGUNDES, M. C. V. **Cultura Popular e Educação Popular: expressões da proposta freireana para um sistema de educação** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 61, p. 89-106, jul. /Set. 2016.

COUTINHO, Suzana Costa. **A Práxis Educativa Popular**. Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia Faculdade Católica de Pouso Alegre, Volume 04 - Número 10 - Ano 2012, p. 127-149.

DOS ANJOS, José Edemilson Pereira. **O Pensamento Educacional de Anísio Teixeira e De Paulo Freire: A Educação no Brasil e os Desafios da Contemporaneidade.** Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade– PPGEduc, Universidade do Estado da Bahia. Faculdade de Educação. Salvador, Ba, 2015.

FÁVERO, O. (Org.). **Cultura popular, educação popular: memória dos anos 60.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FREIRE ARAÚJO, Ana Maria de. **Paulo Freire: Uma História de Vida.** 2ª ed. rev. atualizada, Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 59ª ed. 2015.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação.** Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

_____. **Educação Como Prática da Liberdade.** 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo e NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: Teoria e Prática em Educação Popular.** 7. ed. Petrópolis. Vozes, 2005.